



KRESLEY COLE

Nº 1 DA LISTA DE BEST-SELLERS DO *NEW YORK TIMES*

DESEJO
INSACIÁVEL

SÉRIE IMORTAIS LIVRO 1

valentina 

DESEJO
INSACIÁVEL



SÉRIE IMORTAIS

VOLUME 1

Tradução
Renato Motta



KRESLEY COLE

Nº 1 DA LISTA DE BEST-SELLERS DO *NEW YORK TIMES*

DESEJO INSACIÁVEL


valentina
Rio de Janeiro, 2016
1ª Edição

Copyright © 2006 by Kresley Cole
Publicado mediante contrato com Pocket Books, um selo do grupo Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
A Hunger Like No Other

CAPA
Beatriz Cyrillo sob original de Damon Freeman

FOTO DE CAPA
Sebastian Cross

FOTO DE 4ª CAPA
Zacarias da Mata / Adobe Stock

FOTO DA AUTORA
Deanna Meredith Studios

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655d

Cole, Kresley

Desejo insaciável / Kresley Cole; tradução Renato Motta. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
352p. ; 23 cm. – (Imortais; 1)

Tradução de: *A hunger like no other*

ISBN 978-85-65859-84-4

1. Romance americano. 2. Ficção americana. I. Motta, Renato. II. Título. III. Série.

16-33456

CDD: 813

CDU: 821.111 (73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Para Richard, o meu viking da vida real.

Agradecimentos

Numerosos e entusiasmados agradecimentos a Beth Kendrick, que conseguiu expulsar minhas frustrações e inseguranças. Sem você e seus muitos telefonemas de incentivo, não haveria história alguma para ser contada.

Obrigada à maravilhosa Sally Fairchild pelo seu apoio constante e muito estimado. Minha gratidão profunda também vai para Megan McKeever, da Pocket Books, que com certeza está, neste exato momento, tentando me salvar de alguma crise relacionada com livros.

PRÓLOGO

Às vezes, o fogo que lambe e descola a pele que cobre os ossos dele se apaga.

É o fogo *dele*. No longínquo recesso oculto de sua mente ainda capaz de um pensamento racional, ele acredita nisso. O fogo é dele porque foi ele que o alimentou durante séculos com seu corpo destruído e sua alma decaída.

Há muitos e muitos anos – não dá para saber ao certo quanto tempo se passou –, a Horda dos Vampiros aprisionou-o nas catacumbas dos subterrâneos mais profundos sob as ruas de Paris. Ele está acorrentado a uma rocha, preso nela por dois pregos poderosos que atravessam argolas em torno de seus braços e outra mais no pescoço. Diante dele, um poço profundo transborda fogo e mais parece a entrada do inferno.

Ali ele espera e sofre, como uma oferenda colocada diante de uma coluna de fogo que às vezes esmorece, mas nunca se apaga, exatamente como a sua vida. Sua existência se resume em queimar até a morte repetidas vezes, quando então sua teimosa imortalidade o faz reviver.

Fantasia elaborada de vingança têm-no mantido em estado de alerta até o momento. Alimentar essa fúria em seu coração é tudo que lhe resta.

Até quando ela aparecer.

Às vezes, ao longo dos séculos, ele ouvia sons misteriosos, coisas novas que vinham das ruas acima dele. Às vezes, sentia os perfumes das estações do ano que se sucediam em Paris. Mas, dessa vez, está sentindo o cheiro dela, da sua parceira, da mulher que nasceu com o único propósito de ser dele.

A mulher por quem procurava de forma incessante fazia mais de mil anos – até o dia em que foi capturado.

As chamas diminuíram. Nesse exato instante, ela circula pelas ruas em algum lugar acima dele. Isso já foi longe demais! Com um dos braços, ele força a pele contra as correntes até que o metal grosso corta sua carne. Sangue começa a gotejar e depois jorra. Todos os músculos do seu corpo enfraquecido trabalham em harmonia, lutando para fazer o que nunca antes foi capaz. Por causa dela

conseguirá ir até o fim dessa vez. *Terá* de conseguir. Seu urro de dor se transforma numa tosse sufocante quando ele arrebenta as duas correntes que prendem um de seus braços.

Não há tempo para ele se espantar com o feito que acabou de alcançar. Ela está tão perto que ele quase consegue senti-la. *Ele precisa dela*. O outro braço consegue se soltar em meio a muita dor.

Com as duas mãos livres, ele aperta com força a argola em torno do seu pescoço, lembrando-se vagamente do dia em que o pino grosso e comprido foi colocado no aro que a fecha. Sabe que as duas pontas estão chumbadas na parede até um metro distante dele. Sua força está enfraquecendo, mas nada conseguirá impedi-lo, ainda mais agora que ela está tão perto. Num caos de pedras e poeira, o metal se solta e ele é lançado para frente no espaço cavernoso.

Puxa a corrente que ainda lhe aperta a coxa com firmeza. Luta contra o metal para arrancar também o aro em torno de seu tornozelo. Faz o mesmo para soltar a outra perna. Visualizando a fuga daquele inferno, sequer olha para baixo e torna a puxar com força. Nada. Perplexo e confuso, força mais uma vez. Puxa, tenta arrancar tudo, geme e se desespera. Nada.

O cheiro dela está sumindo. *Não há mais tempo*. Com ar impiedoso, observa a perna ainda acorrentada. Imaginando como se enterraria dentro de sua parceira para esquecer aquela dor, apalpa a região acima do joelho com as mãos trêmulas. Ansiando pelo momento de esquecimento e prazer que encontraria dentro dela, tenta quebrar o próprio osso. Sua fraqueza extrema indica que aquilo ainda poderá lhe exigir uma meia dúzia de tentativas.

Suas garras arrebentam a pele e os músculos da perna, mas o nervo que acompanha todo o comprimento do fêmur está esticado e é duro como a corda de um piano. Só de tocar nele, uma sensação inimaginável parece rasgar sua perna de cima a baixo, e a dor explode na parte superior de seu corpo, embaçando-lhe a visão até ela escurecer por completo.

Está fraco demais. Sangra muito. O fogo tornará a aumentar muito em breve. Os vampiros retornam periodicamente à masmorra. Será que irá perdê-la justamente agora que ela está tão perto?

– Nunca – urra com ódio, deixando-se dominar pela fera que tem dentro de si; a mesma fera que é capaz de conseguir retomar sua liberdade com a força

mítica de suas presas; o monstro que o leva até mesmo a beber água das sarjetas e se recusa a desistir de lutar pela própria sobrevivência. Encara a frenética auto-amputação que ocorre em seguida como um drama distante.

Arrastando-se para longe da dor e deixando para trás a perna decepada, segue pelas sombras da catacumba úmida até encontrar uma passagem. Sempre atento à possível chegada dos inimigos, rasteja sobre os ossos que cobrem o chão para alcançar a saída. Não faz ideia de quanto falta para escapar, mas descobre o caminho certo e consegue novas forças para seguir o cheiro da mulher que lhe é destinada. Lamenta a dor que provocará nela. Sua parceira ficará tão conectada a ele que sentirá tudo pelo que ele passou. Também sofrerá as dores dele como se tivessem acontecido com ela.

Isso não poderá ser evitado. Ele está escapando. Fazendo a sua parte. Será que ela conseguirá salvá-lo das lembranças terríveis enquanto sua pele ainda queima?

Por fim, consegue alcançar dolorosamente a superfície da cidade e entra num beco envolto por total escuridão. Mas o cheiro dela está mais tênue agora.

O destino trouxera-a até onde ele estava no momento mais crucial, quando mais precisava dela. Que Deus o ajudasse – *e àquela cidade* –, se ele não conseguisse mais encontrá-la. Sua brutalidade era lendária, e ele estava disposto a libertar sua fúria sem nenhum tipo de limite.

Com esforço, senta-se no chão e se encosta numa parede. Procurando pistas dela entre os paralelepípedos, luta para acalmar sua respiração ofegante e tenta sentir, mais uma vez, o cheiro dela no ar.

Precisa dela. Tem de se enterrar dentro dela. Esperou tanto por aquele momento...

Mas o cheiro de sua parceira desaparecera do ar.

Os olhos dele se enchem de lágrimas, e ele estremece violentamente ao perceber que a perdeu. Um urro apavorante de angústia e dor faz toda a cidade tremer.

“Meu homem ideal? Ele teria de ser atencioso, tranquilo e muito educado. Acima de tudo, precisaria me tratar como uma rainha.”

EMMALINE TROY, também conhecida como Emma, a Tímida,
metade Vampira e metade Valquíria

*“Nunca fuja de alguém da minha espécie, mulher. Você não conseguirá escapar...
e nós gostamos disso.”*

LACHLAIN MACRIVE, Rei dos Lykæ

Uma semana depois...

Numa ilha do rio Sena, tendo como pano de fundo a silhueta noturna de uma catedral antiquíssima, os moradores de Paris saem para se divertir. Emmaline Troy caminha em meio a engolidores de fogo, batedores de carteiras e *chanteurs de rue*. Ziguezagueia através de tribos de góticos cobertos por capuzes pretos que enchem o pátio da Notre-Dame como se

a catedral fosse a sua nave-mãe gótica chamando-os para entrar em casa. Mesmo assim, ela atrai a atenção.

Os espécimes masculinos da raça humana diante dos quais ela desfila giram a cabeça lentamente à sua passagem, sobranceiras unidas, sentindo algo no ar que não identificam. Provavelmente uma memória genética de muito tempo atrás; algo que lhes sinaliza que ela é a sua fantasia mais selvagem ou os seus pesadelos mais obscuros.

Emma não é nada disso.

É uma simples aluna recém-formada na Universidade de Tulane, sozinha em Paris e morrendo de fome. Cansada de mais uma busca infrutífera por sangue, joga-se sobre um banco rústico debaixo de uma cerejeira, os olhos grudados numa garçonete que serve espressos num café em frente. Se o sangue corresse assim tão facilmente, pensa Emma. Ahhh... Se ele sáísse sempre quente e encorpado de uma torneira inesgotável, seu estômago não se contorceria de fome diante dessa ideia.

Faminta em Paris. E sem amigos. Poderia existir apuro pior?

Os casais que circulam de mãos dadas pelo caminho coberto de cascalho parecem zombar de sua solidão. Somente ela acha isso, ou os amantes

realmente parecem trocar olhares mais apaixonados nessa cidade? Especialmente na primavera. *Morram, desgraçados!*

Suspira. Não é culpa deles o fato de serem desgraçados que um dia morrerão.

Emma tinha sido levada até ali e entrado naquela furada graças aos ecos no seu quarto de hotel e à ideia de que poderia encontrar algum traficante de sangue na Cidade Luz. Seu antigo contato tinha ido para o sul; literalmente, voara de Paris para Ibiza. Dera poucas explicações para sua atitude, dizendo apenas que, devido à “ascensão iminente do novo rei”, uma “merda absurdamente épica” estava se formando em “gay Paree”. O que quer que isso significasse.

Na qualidade de vampira, ela era um membro do Lore, o grupo de seres que conseguira convencer os humanos de que só existiam na imaginação deles. Apesar de o Lore estar bem representado ali, Emma não tinha conseguido encontrar um outro fornecedor de sangue. Todas as criaturas que sondava em busca de informações fugiam na mesma hora, só pelo fato de ela ser uma vampira. Corriam apavoradas sem descobrir que ela nem mesmo era uma vampira de raça pura; não passava de uma fracote que nunca tinha mordido outro ser vivo. Como suas cruéis tias adotivas gostavam de dizer: “Emma é uma tola que derrama suas lágrimas cor-de-rosa até quando esbarra em asas de mariposa.”

Emma não tinha realizado nada de bom na viagem que insistira tanto em fazer. Sua busca por informações sobre os pais falecidos – sua mãe, uma Valquíria, e o vampiro desconhecido que era seu pai – tinha sido um fracasso completo. Uma derrota que culminaria em breve com o telefonema que daria para suas tias, pedindo-lhes que viessem buscá-la. Porque a verdade é que nem mesmo conseguia se alimentar de forma apropriada. Que situação patética! Suspirou longamente. Seria zoada por causa disso por uns 70 anos, pelo menos...

OuvIU um estrondo e, antes de ter tempo de sentir pena da garçõnete que viu ser atingida por algo, ouviu mais outro estrondo, seguido de um terceiro. Virou a cabeça de lado, curiosa, no instante em que uma mesa era erguida do chão com o guarda-sol e tudo, para em seguida ser lançada cinco metros acima e descer suavemente sobre o rio Sena como um paraquedas que se abria. Um barco apitou com fúria e vários palavrões encheram o ar.

Iluminado de leve pelos lampiões da calçada, um homem alto e forte revirava as mesas do café, os cavaletes dos pintores de rua e as bancas de livros usados

que vendiam pornografia do século passado. Turistas gritavam e fugiam da onda de destruição. Emma se levantou de um pulo, arquejou em sobressalto e lançou sobre os ombros sua capa de chuva.

Ele estava abrindo caminho na direção dela, com a capa de chuva preta esvoaçando atrás de si. Seu tamanho monumental e seus movimentos de uma fluidez pouco natural levaram-na a questionar se ele poderia ser humano. Seus cabelos volumosos e compridos escondiam metade do rosto. Vários dias de barba por fazer cobriam seu maxilar como uma sombra.

Ele apontou um dedo trêmulo direto para ela.

– *Você!* – rosnou.

Emma lançou olhares furtivos para os lados e para trás dos ombros, em busca da infeliz a quem ele se dirigia. *Era ela*. Puta merda, aquele louco estava com os olhos vidrados nela!

Ele virou a palma da mão e a chamou para vir em sua direção – como se tivesse certeza de que ela faria exatamente isso.

– Nem pensar! Eu não conheço você – disse ela em voz alta, quase num grasnido, enquanto tentava dar um passo para trás. Suas pernas, porém, bateram no banco.

Ele continuou vindo em linha reta, ignorando as mesas entre eles, jogando-as para o lado e para o ar como se fossem brinquedos, em vez de se desviar. Uma determinação furiosa parecia queimar seus olhos azul-claros. Emma sentiu sua raiva aumentar ainda mais à medida que ele se aproximava, e isso a deixou perturbada, pois os seres da sua espécie eram considerados predadores da noite – nunca presas. E também porque, no fundo, ela era uma covarde.

– *Venha até aqui!* – ordenou ele, quase mordendo as palavras como se tivesse dificuldade em proferi-las, e tornou a caminhar na sua direção.

Com os olhos arregalados, ela balançou a cabeça e pulou para trás por sobre o banco, descrevendo um arco no ar. Caiu de costas para ele e saiu correndo pelo cais. Estava fraca, depois de mais de dois dias sem ingerir sangue, mas o terror lhe deu forças para correr, e ela conseguiu atravessar a Pont de l'Archevêché para sair da ilha.

Correu por três... quatro quarteirões. Percebeu que havia uma chance de escapar dele ao olhar para trás. Não o via. Será que conseguira fugir...? A música estridente e inesperada que saiu da sua bolsa a fez gritar alto.

Quem, diabos, teria programado o toque “Crazy Frog” em seu celular? Seus olhos se estreitaram. Tia Regin. A imortal mais imatura do mundo, que tinha a aparência de uma sereia, mas se comportava como uma caloura idiota.

Os celulares de seu coven existiam para serem usados apenas em caso de emergência. Os toques estridentes costumavam atrapalhar as caçadas nos becos escuros de Nova Orleans, e somente a vibração emitida por eles já seria suficiente para despertar a atenção de alguma criatura inferior.

Abriu o celular. Falando no diabo: Regin, a Radiante.

– Estou meio ocupada agora – reclamou Emma, dando mais uma olhada sobre o ombro.

– Largue suas coisas. Não há tempo para fazer as malas. Annika quer que você vá imediatamente para o aeroporto. *Você está em perigo.*

– Não diga!

Click. Aquilo era um aviso, uma narração do que estava acontecendo.

Ela perguntaria os detalhes quando estivesse no avião. Como se precisasse de um motivo para voltar para casa! Bastava mencionar a palavra perigo que ela voltava correndo para seu coven, para suas tias Valquírias, que matariam qualquer coisa que a ameaçasse e sempre mantinham o perigo a distância.

Enquanto tentava se lembrar do caminho para o aeroporto onde desembarcara, a chuva começou a cair, morna e leve a princípio – os namorados de abril ainda riam enquanto corriam para debaixo dos toldos –, mas logo foi ficando mais forte e gelada. Emma chegou a uma avenida apinhada de gente e se sentiu mais segura ao circular pelo trânsito. Desviava de carros com os para-brisas ligados, fugia das buzinas barulhentas e perdeu de vista seu perseguidor.

Levando apenas a bolsa pendurada no ombro e cruzando o peito, andou mais depressa; percorreu vários quilômetros antes de avistar um parque aberto e, logo adiante, a pista de pouso. Dava para sentir o ar difuso em torno dos jatinhos que esquentavam o motor, e viu sombras dos passageiros em cada uma das minúsculas janelas, já baixadas para a decolagem. Estava quase lá.

Emma se convenceu de que o havia despistado simplesmente porque *era* rápida demais. Era muito boa na arte de se convencer de coisas que talvez não fossem do jeito que imaginava – ótima em fingir. Sabia fingir que estudava à noite por opção, por exemplo, e que enrubescer não lhe provocava sede...

Um rosnado terrível fez-se ouvir. Seus olhos se arregalaram, mas ela não se virou, simplesmente começou a correr. Sentiu garras se enterrando em seus tornozelos um segundo antes de ser arrastada pela terra enlameada e jogada de costas no chão. A mão de alguém cobriu-lhe a boca, embora ela tivesse sido treinada para nunca gritar.

– Nunca fuja de um ser como eu. – Seu agressor não soava humano. – Você não conseguirá escapar. *E nós gostamos disso.* – O som que saía da sua garganta era gutural, como o de um animal, e muito áspero. Mas tinha um sotaque... escocês, talvez?

Enquanto o observava com mais atenção por entre a chuva, ele a examinou com olhos que eram dourados num momento, mas logo em seguida exibiam um fantasmagórico tom de azul. Não, não eram humanos.

Bem de perto, ela reparou que os traços do rosto dele eram perfeitos, masculinos. Queixo e maxilares fortes complementavam as feições com linhas retas e angulosas. Era tão lindo que ela imaginou que poderia ser um anjo caído. Talvez fosse, mesmo. Como *ela* poderia saber essas coisas com certeza?

A mão que lhe cobrira a boca com um jeito rude apertou-lhe o queixo com força. Ele fixou os olhos na boca de Emma – em seus caninos grandes, mas não muito perceptíveis.

– Não – gritou, com voz rouca. – Não é possível... – Virou o rosto dela de um lado para o outro, esfregou o nariz ao longo do maxilar dela, inspirando fundo, para depois explodir em fúria: – *Maldita!*

Quando os olhos dele assumiram um tom penetrante de azul, ela gritou alto, e todo o ar abandonou subitamente seus pulmões.

– Você consegue se teletransportar? – grunhiu o estranho, como se tivesse dificuldade para se expressar. – Responda!

Ela balançou a cabeça, fazendo-se de desentendida. O teletransporte era o método pelo qual os vampiros desapareciam em pleno ar para reaparecer em outro local. *Será que ele sabe que eu sou uma vampira?*

– *Consegue?* – insistiu ele.

– Não... não. – Emma nunca fora suficientemente forte ou habilidosa para isso. – Por favor! – Piscou depressa por causa da chuva e implorou com o olhar. – Você perseguiu a mulher errada.

– Pensei que fosse perceber de imediato, caso isso acontecesse. Vou me certificar, já que você insiste.

Ele ergueu a mão. Para tocá-la?... Agredi-la? Emma se debateu, gemendo de desespero.

A palma da mão dele, calosa e rude, agarrou-a pela nuca, enquanto a outra mão prendia-lhe os dois punhos e ele se inclinava na direção de seu pescoço. O corpo de Emma estremeceu ao sentir a língua áspera em sua pele. A boca do estranho era quente em contraste com o ar frio e úmido, e ela estremeceu ainda mais até seus músculos ficarem quase rígidos. Ele gemeu enquanto a beijava, e sua mão lhe apertou os punhos com mais força ainda. Por baixo da saia dela, gotas de chuva escorriam pelas coxas e o frio lhe causava arrepios.

– Não faça isso. *Por favor...* – Quando essas últimas palavras saíram como um choramingo fraco, ele olhou para ela como que retornando de um transe. Franziu as sobrancelhas demonstrando estranheza quando os olhos de ambos se fitaram, mas ele não lhe soltou as mãos.

Girou a garra sob a blusa dela e a rasgou, o delicado sutiã se abrindo com o impacto. Lentamente, afastou para os lados os bojos para ver seus seios. Ela lutou, mas aquilo era inútil contra uma força tão grande. Ele a analisou com um olhar sedento, enquanto a chuva pinicava os seios desnudos dela. Emma tremia descontroladamente.

A dor dele parecia tão forte que a deixou enjoada. Ele poderia possuí-la ali mesmo ou abrir com as garras sua barriga desprotegida e matá-la...

Em vez disso, rasgou a própria camisa com um golpe, colocou as imensas palmas das mãos sobre as costas dela e a puxou com força, colando seu peito no dela. Rosnou quando suas peles se tocaram, e o corpo dela foi percorrido como que por uma descarga elétrica. Um clarão rasgou o céu.

Ribombou palavras estrangeiras no ouvido dela. Para Emma, pareceram expressões de... *ternura*, e isso a fez pensar que estivesse enlouquecendo. Sentiu o corpo amolecer, e seus braços se largaram soltos enquanto ele se esfregava nela com os lábios muito quentes sob uma chuva cada vez mais forte que escorria por suas pálpebras, rosto e pescoço. De repente, ele se agachou e a pegou no colo. Ela se deixou ficar, zozza e largada como se não tivesse ossos, e observou os relâmpagos que continuavam a cortar o céu com fúria.

A mão do estranho a segurou com cuidado pela nuca e virou o rosto dela na direção do dele.

Ele parecia atormentado, olhando para ela com uma expressão forte e marcante. Emma nunca tinha visto nada tão... intenso. Sentiu-se ainda mais confusa. Será que ele a atacaria ou a libertaria? *Deixe-me ir embora...*

Uma lágrima escorreu lentamente pelo rosto de Emma, o calor se misturando aos pingos frios da chuva.

O olhar de ternura desapareceu.

– *Lágrimas de sangue?* – rugiu ele, obviamente revoltado ao notar o tom rosado de suas lágrimas. Virou o rosto de lado, como se não suportasse olhar para aquilo, e apalpou as pontas da blusa dela, às cegas, para tornar a fechá-las. – Leve-me até a sua casa, vampira!

– Eu... Eu não moro aqui – explicou Emma, com a voz engasgada, completamente atônita pelo que acabara de acontecer e por ele saber o que ela era.

– Leve-me ao lugar onde você fica, então – ordenou ele, colocando-a no chão e aprumando o corpo ao fitá-la.

– Não! – Ela mesma se espantou com o tom determinado.

Ele também pareceu surpreso.

– Porque não quer que eu pare? Ótimo! Vou colocar você de quatro e comê-la aqui mesmo, na grama, até amanhecer. – Forçou os ombros dela sem dificuldade até deixá-la de joelhos. – Pensando bem, até *bem depois* do sol nascer.

Ele deve ter notado o ar de resignação que surgiu no rosto dela porque tornou a erguê-la e a empurrou para frente, forçando-a a caminhar.

– Quem cuida de você?

Meu marido, ela teve vontade de jogar na cara dele. *O jogador de futebol americano que vai encher você de porrada*. Mas ela não podia mentir, nem tinha coragem de provocá-lo.

– Estou sozinha.

– Seu homem deixa você viajar sozinha? – quis saber ele, em meio ao temporal que aumentara. Sua voz estava começando a soar humana novamente. Como Emma não respondeu, ele completou, com ar de deboche: – Se você tem um macho descuidado, azar o dele!

Ela tropeçou num buraco do caminho e ele a amparou com gentileza, mas logo em seguida pareceu arrependido. Quando surgiu um carro diante deles, ele a puxou com força para longe da rua e pulou de susto ao ouvir a buzina. Estendeu as garras e rasgou a lateral do veículo como se ela fosse feita de papel de alumínio, fazendo-o derrapar na pista molhada. Quando o carro finalmente

parou, o motor despencou sobre o asfalto com um baque surdo. O motorista abriu a porta e saiu correndo, desesperado.

Boquiaberta com o choque, Emma recuou um passo e caiu ao perceber que seu raptor parecia... *nunca ter visto um carro na vida!*

Ele ficou furioso e se agigantou novamente diante dela. Num tom baixo e mortífero, grunhiu:

– Tente fugir de novo e verá o que vai acontecer! – Agarrou-a pela mão e a colocou de novo em pé. – Ainda estamos muito longe?

Com um dedo sem força, ela apontou para o Crillon, na Place de la Concorde. Ele a fitou com ódio e afirmou:

– Gente da sua laia sempre teve muita grana. – O tom era mordaz. – Nada mudou, pelo visto.

Ele sabia que ela era uma vampira. Será que também sabia quem ou o que suas tias eram? Provavelmente sim. De que outro modo Regin teria conhecimento dele para tentar avisá-la pelo celular? Por outro lado... Como ele poderia saber que o coven ao qual ela pertencia era abastado?

Depois de dez minutos sendo arrastada por avenidas largas, Emma entrou com ele no hotel, atraindo olhares curiosos quando passaram pelo porteiro e colocaram os pés no saguão suntuoso. Pelo menos, a iluminação era discreta. Emma cobriu sua blusa rasgada com a jaqueta ensopada e manteve a cabeça baixa, grata por ter feito duas tranças grossas que lhe cobriam as orelhas.

Ele aliviou um pouco a força com que lhe segurava o braço ao se ver diante de tanta gente. Devia saber que não era desejável que ela atraísse atenção. *Nunca grite nem atraia a atenção de humanos.* No fim das contas, eles eram muito mais perigosos do que qualquer dos milhares de criaturas do Lore.

Quando o estranho colocou o braço pesado sobre os ombros dela, como se estivessem juntos, Emma olhou para ele por trás de uma mecha de cabelo molhado. Embora caminhasse com os ombros largos para trás, como se fosse dono do lugar, ele examinava tudo com atenção, como se fosse uma novidade para ele. O toque de um celular deixou-o tenso. As portas giratórias surtiram o mesmo efeito. Embora escondesse bem, Emma percebeu que ele nunca tinha visto um elevador e por isso hesitara ao entrar. Dentro da cabine, seu tamanho e sua energia fizeram o generoso espaço parecer apertado.

A curta caminhada ao longo do corredor até a porta do quarto foi a mais longa da vida de Emma, enquanto arquitetava planos de fuga que eram

sucessivamente rejeitados. Ela parou diante da porta, e levou um bom tempo tentando pegar o cartão magnético no fundo da bolsa, que parecia uma poça de água da chuva.

– A chave! – exigiu ele, com autoridade.

Expirando com força, ela lhe entregou o cartão. Quando seus olhos se estreitaram, ela achou que ele fosse gritar “chave” novamente, mas ele estudou o dispositivo da porta e devolveu o cartão para Emma, dizendo:

– Abra você mesma.

Com a mão trêmula, ela enfiou o cartão na ranhura da porta. O zumbido mecânico e os cliques da liberação da tranca foram como uma badalada de sinos anunciando terríveis presságios.

Assim que se viu do lado de dentro, ele vasculhou cada centímetro do lugar para se certificar de que estava realmente sozinha. Olhou debaixo da cama coberta por uma colcha de brocado; depois, abriu as pesadas cortinas de seda com violência para revelar uma das vistas mais belas de Paris. Caminhava como um animal, exibindo seu ar agressivo a cada movimento, notou que ele mancava de leve de uma das pernas.

Quando ele veio lentamente pelo corredor, na direção dela, os olhos de Emma se arregalaram e ela recuou dois passos. Mesmo assim, ele não se deteve, olhando-a e avaliando-a com muito cuidado... até que seus olhos se fixaram nos lábios dela.

– Esperei por você durante muito tempo.

Ele continuava a se comportar como se a conhecesse, mas ela *nunca* esqueceria um homem como aquele se algum dia tivesse encontrado.

– Preciso de você. Não me importa o que você é e não pretendo esperar mais tempo.

Diante dessas palavras desconcertantes, o corpo de Emma inexplicavelmente se suavizou e relaxou. As garras dela se encolheram, como se estivessem se preparando para receber um beijo dele. Desesperada, arranhou a parede às suas costas com as unhas e esfregou a língua na presa esquerda. Suas defesas continuavam adormecidas. Estava apavorada diante dele. Por que seu corpo não se sentia assim?

Ele colocou as mãos dos dois lados da parede, junto do rosto dela. Sem a menor pressa, roçou a boca nos lábios de Emma. Gemeu com o contato suave e pressionou mais um pouco, forçando a língua. Ela congelou, sem saber o que fazer.

Ainda colado nela, tornou a rosnar:

– Beije-me também, bruxa, enquanto decido se vou ou não poupar a sua vida.

Chorando, ela movimentou os lábios contra os dele. Quando ele permaneceu imóvel, como que forçando-a a fazer todo o trabalho, ela virou a cabeça de lado e roçou os lábios contra os dele, quase sem tocá-los.

– Beije-me como quem quer continuar viva.

Ela o fez. Não porque desejasse tanto assim continuar viva, mas porque sabia que ele tornaria sua morte lenta e torturante. *Nada de dor. Dor, nunca.*

Quando ela pressionou a língua contra a dele, como ele fizera um pouco antes, ele rosnou mais uma vez e assumiu o controle, segurando-lhe a cabeça pela nuca e virando-a de lado para dominá-la. Sua língua se atracou com a dela de forma violenta, e Emma ficou chocada ao perceber que aquilo não era exatamente... desagradável. Quantas vezes tinha sonhado com seu primeiro beijo, apesar de saber que nunca o receberia? Mas isso estava acontecendo. Naquele momento.

E ela nem mesmo sabia o nome dele.

Quando recomeçou a tremer, ele parou e se afastou, afirmando:

– Você está com frio.

Ela realmente estava congelando. A baixa taxa de sangue em seu organismo provocava esse efeito. Ser arrastada pela terra molhada e se sentir ensopada até os ossos não ajudara muito. Mas ela suspeitava que não era por isso que tremia.

– Estou, si-sim.

Ele a examinou atentamente de cima a baixo, com ar de nojo.

– E imunda. Está com lama no corpo todo.

– Mas foi você que... – Parou de falar ao perceber o olhar letal que ele lhe lançou.

Ele descobriu onde ficava o banheiro, arrastou-a até lá e olhou com a cabeça meio de lado para os equipamentos.

– Lave-se! – rosnou.

– Qu-que tal um pouco de privacidade? – sussurrou ela.

Ele exibiu um ar divertido.

– Você não terá isso. – Encostando o ombro no portal, cruzou os braços musculosos como se esperasse o show começar e ordenou: – Agora, tire a roupa lentamente e deixe-me ver o que é meu.

Meu? Indignada, ela estava prestes a protestar mais uma vez, mas ele ergueu a cabeça como se tivesse ouvido algo estranho e saiu dali correndo. Emma aproveitou para fechar a porta com força e se trancou – um gesto inútil, é claro – então, ligou o chuveiro.

Sentou-se no chão com as pernas encolhidas e as mãos na cabeça; perguntou a si mesma como faria para escapar daquele lunático. O hotel Crillon se orgulhava de ter paredes de trinta centímetros de espessura. Uma banda de rock se hospedara alguns dias no quarto ao lado, e ela não tinha ouvido um ruído sequer. Claro que não considerou a possibilidade de pedir ajuda a alguém – *nunca peça ajuda a um humano* –, mas pensou em abrir um buraco na parede e escapar.

Paredes à prova de som, décimo andar. O quarto suntuoso tinha sido um bom refúgio e a protegera do sol e dos humanos bisbilhoteiros, mas agora se transformara numa jaula dourada. Ela estava encurralada por um ser desconhecido, e só Freya saberia quem era ele.

Como seria possível escapar dali se não havia ninguém por perto para ajudá-la?



Lachlain ouviu uma roda rangendo, sentiu cheiro de carne e foi mancando até a porta do quarto. No corredor, um velho que empurrava um carrinho de serviço de quarto ganiu de susto ao vê-lo. E observou, petrificado, quando Lachlain roubou as duas tigelas tampadas que carregava no carrinho.

Lachlain tornou a entrar e fechou a porta com um chute. Encontrou bifés e devorou-os em segundos. Depois, atingido por uma recordação dolorosa, com um murro fez um buraco na parede.

Abrindo e fechando a mão e olhando para os dedos que sangravam, sentou-se na beira da cama estranha e refletiu que estava num lugar desconhecido e numa época estranha. Sentia-se fraco, e sua perna doía depois de ter perseguido a vampira. Ergueu um pouco a parte de baixo da calça roubada e inspecionou a perna, que já se regenerava. A carne exposta tinha uma depressão feia. A pele que a cobria parecia arrancada.

Tentou afastar as lembranças daquela derrota, mas que outras recordações recentes possuía? Só as imagens em que se via sendo queimado até a morte

repetidas vezes. *Durante um período de tempo que, ele sabia agora, chegava a 150 anos...*

Estremeceu, suando frio, teve ânsias de vômito e colocou a cabeça entre os joelhos, para evitar pôr tudo para fora, pois precisava muito da comida que acabara de colocar no estômago. Em vez disso, arranhou a mesa de cabeceira com as garras, formando sulcos profundos, só para se impedir de destruir tudo à volta.

Na última semana desde que conseguira escapar, parecia estar indo bem, totalmente focado na caça a ela e na sua recuperação, e parecia se adaptar com facilidade aos novos ambientes; só que sentia súbitos acessos de raiva. Invadira uma casa suntuosa para roubar roupas – e acabara destruindo tudo. Todas as coisas e objetos que não reconheceu ou compreendeu foram destruídos.

Naquela noite, ele se sentira fraco e não conseguia raciocinar com clareza. Sua perna se regenerava lentamente, e ele continuava aguentando firme até que, inesperadamente, percebeu no ar o cheiro dela outra vez.

Entretanto, em vez da companheira que buscava, tinha encontrado uma *vampira*. Aliás, uma vampira pequena e frágil. Fazia séculos que não ouvia falar de alguma fêmea viva. Os machos deviam tê-las escondido, mantendo-as enclausuradas durante tantos anos. Pelo visto, a Horda não conseguira eliminar todas as suas mulheres, como ordenara o Lore.

Porém, que Cristo o ajudasse, seus instintos lhe diziam que aquela criatura etérea de cabelos muito claros era... dele.

O instinto animal gritava dentro dele, exigindo que a tocasse, que a possuísse. Afinal, ele esperara por aquilo durante tanto tempo...

Segurou a cabeça entre as mãos mais uma vez, tentando não perder o controle – colocar o animal feroz dentro da jaula. Mas como o destino pudera ser tão cruel com ele, mais uma vez? Afinal, ele a procurara por mais de mil anos...

Acabara encontrando-a sob uma forma que desprezava e, agora, sentia um ódio tão intenso e virulento que não conseguia controlar.

Uma vampira! O simples fato de ela existir já o repugnava. Sua fraqueza o deixava enojado. Seu corpo pálido era muito pequeno, ela era muito magra e provavelmente se quebraria como um cristal fino na primeira vez que trepassem com ferocidade.

Ele esperara por mais de um milênio por uma parasita inútil.

Ouviu o carrinho que rangia se afastar pelo corredor com mais rapidez quando tornou a passar pela porta do quarto, mas o fato é que a sua fome estava saciada pela primeira vez desde que seu suplício começara. Com comida de qualidade como aquela, ele acabaria com qualquer traço físico das torturas que padecera. Em compensação, a sua mente...

Estava na companhia da fêmea fazia uma hora. No entanto, já tinha sido obrigado a mandar o instinto bestial de volta à jaula por duas vezes. Isso era um progresso considerável, pois sua existência consistia em um constante estado de vazio e desolação interrompido por breves acessos de fúria. Todos diziam que somente a verdadeira companheira de um Lykæ conseguiria amenizar suas dores e mágoas. Se aquela vampira realmente estivesse designada para ele, haveria muitas dificuldades pela frente.

Não poderia ser ela. Ele devia estar delirando. Agarrou-se a essa ideia. A única coisa da qual se arrependia profundamente antes de ter sido atirado ao fogo era nunca tê-la encontrado. Talvez sua mente estivesse lhe pregando peças. Claro, só podia ser isso. Ele sempre imaginara que a sua parceira para toda a vida seria uma ruiva de seios grandes e curvas generosas, com sangue de lobo, que conseguiria aguentar e acompanhar seus acessos de luxúria e sentiria prazer com a ferocidade em estado bruto que existia nele. Nunca aquela amostra medrosa de... *vampira*. Ele tinha enlouquecido. Claro.

Mancou até a porta do banheiro e a encontrou trancada. Balançou a cabeça, quebrou a maçaneta com facilidade e se viu num lugar tão cheio de vapor que mal conseguiu avistá-la encolhida em posição fetal, junto da parede do fundo. Ergueu-a do chão e exibiu uma cara feia ao ver que ela continuava molhada e imunda.

– Você ainda não se lavou? – Ao ver que ela permanecia olhando fixamente para o chão, exigiu saber: – Por quê?

Ela encolheu os ombros, sentindo-se infeliz.

Ele olhou para a cascata de água que escorria dentro de uma câmara de vidro, abriu a porta e estendeu a mão. Agora sim! Aquilo lhe pareceu excelente. Empurrou Emma para o lado e se despiu.

Os olhos dela se arregalaram, fixados no membro dele, e ela cobriu a boca com a mão. Até parecia que nunca tinha visto o pênis de um homem. Ele deixou que ela olhasse o quanto quisesse e até se encostou contra a parede, cruzando os braços sobre o peito enquanto ela o olhava.

Diante do olhar arrebatado que ela exibiu, seu órgão enrijeceu e seu comprimento aumentou consideravelmente. Seu corpo, pelo menos, parecia achar que ela lhe pertencia, até Emma soltar um grito e baixar os olhos. A perna dele, muito ferida, tinha capturado a atenção dela e pareceu assustá-la ainda mais. Isso o deixou embaraçado, e ele entrou debaixo do chuveiro para evitar os olhares.

Fechando os olhos com prazer, sentiu a água correr generosa sobre seu corpo, mas percebeu que sua ereção não diminuía. A vampira ficou mais tensa, parecendo pronta a fugir dali, e abriu os olhos. Se estivesse se sentindo mais forte, teria até torcido para ela tentar escapar.

– Por que você está olhando para a porta? – quis saber ele. – Posso alcançá-la antes mesmo de você conseguir sair deste cômodo.

Ela se virou, notou que a ereção dele ficara ainda maior e reprimiu um grito.

– Tire suas roupas, vampira.

– Eu... Não!

– Quer entrar aqui vestindo tudo isso?

– É melhor do que ficar aí dentro nua com você!

Ele se sentiu mais relaxado pelo efeito da água e até um pouco magnânimo, graças à excelente comida que devorara.

– Vamos fazer um trato – propôs a ela. – Você me dá um presente e eu, em troca, atendo a um pedido seu.

Ela ergueu os olhos por trás de uma mecha que escapara das tranças que fizera com tanto cuidado.

– O que você quer?

Ele apoiou as mãos no boxe e se inclinou um pouco para fora da água.

– Quero você aqui dentro sem roupa. E você, o que vai querer de mim?

– Nada que tenha a ver com isso – murmurou ela.

– Você vai ficar comigo por um tempo indeterminado. Até eu resolver libertá-la. Não quer entrar em contato com o seu... povo? – Ele quase cuspiu a palavra. – Certamente tem muito valor para eles, já que é tão rara.

Na verdade, mantê-la longe dos seus parentes vampiros seria apenas o início da sua vingança. Sabia que eles achariam a ideia de ela ser possuída repetidas vezes por um Lykae tão revoltante quanto o clã dele. Emma mordeu o lábio com a ponta do seu canino minúsculo, e isso desencadeou nele um novo acesso de ira.

– Não sou obrigado a lhe oferecer nada! – esbravejou. – Posso muito bem simplesmente comer você aqui mesmo e depois outra vez na cama.

– E... E não fará isso caso eu concorde em entrar aí com você?

– Venha de livre e espontânea vontade, e eu não farei nada com você aqui dentro – mentiu.

– E o que... fará, então?

– Quero colocar as mãos em você. Aprender sobre o seu corpo. E você vai colocar as mãos em mim.

Numa voz tão fraca que ele mal conseguiu ouvir, Emma perguntou:

– Você vai me machucar?

– Vou tocar você, não machucá-la.

As finas sobranceiras louras da vampira se ergueram juntas, enquanto ela analisava a oferta. Depois, como se aquilo lhe fosse muito doloroso, agachou-se para desamarrar as botas e puxou os laços com um zumbido agudo. Ficou em pé e pegou as pontas da jaqueta e da blusa rasgadas, mas pareceu incapaz de ir em frente. Balançou a cabeça com violência, e seus olhos azuis ficaram duros. Mas viu-se aceitando. Num flash de percepção interna, entendeu que não estava concordando com aquilo por alguma razão que pudesse compreender. Seus olhos pareciam expressar algo, mas ele não conseguiu perceber o que poderia ser.

Ao se aproximar dele, Emma desgrudou do corpo a jaqueta molhada, a blusa e o sutiã rasgado, mas cobriu os seios com um dos braços magros.

Tímida?, refletiu ele consigo mesmo. Já tinha visto orgias regadas a sangue onde os vampiros se refestelavam.

– Por favor. Eu... Eu não sei quem você acha que eu possa ser, mas...

– Eu acho... – Antes de ela ter chance de piscar, ele rasgou-lhe a saia com força e a atirou longe. – ... que, pelo menos, deveria saber seu nome antes de tocá-la.

Ela balançou a cabeça com mais força ainda, e seu braço se apertou contra os seios.

Ele a analisou longamente, como se a saboreasse. Sua pele era um alabastro perfeito, coberta unicamente por uma estranha roupa de seda preta em forma de V que lhe descia e entrava por entre as pernas. A frente era feita de renda transparente e mal tapava os caracóis louros que lhe cobriam o espaço entre as pernas. Lembrou-se do sabor dela nas duas vezes que a lambeu, sob a chuva inclemente e de relâmpagos sobrenaturais, e seu pênis latejou ainda mais, a ponta

creceu e ficou lustrosa de antecipação. Outros homens a achariam atraente. Os vampiros, com toda certeza. Os machos humanos matariam por ela.

Seu corpo trêmulo era pequeno demais, mas seus olhos... grandes, límpidos, tinham o mesmo tom forte de azul do céu que ela nunca conheceria.

– Me... Meu nome é Emmaline.

– *Emmaline* – rosnou ele, esticando a mão lentamente e exibindo uma garra, que usou para rasgar a pouca seda que ainda lhe cobria o corpo.